

## CAÇANDO PURPURINAS

*Maria Leão de Aquino Silveira<sup>1</sup>*

Parece louco pensar em recolher as purpurinas das ruas após o carnaval e tentar contar de quais fantasias elas vieram antes de serem lavadas pelo suor. No entanto, o Acervo Bajubá é algo por aí. O Acervo foi criado em 2010, com o propósito de tentar construir memória das LGBT e da diversidade de gênero e sexual brasileiras. Se há poucas (e importantes) iniciativas públicas de des-heteronormativizar<sup>2</sup> a História no mundo, no Brasil tais narrativas são ainda mais escassas. A discussão sobre “memória” surge no Brasil ligada aos movimentos de sobreviventes e descendentes de sobreviventes da Ditadura Militar e ganha seu ápice nas bocas de todos com a constituição da Comissão pela Memória, Verdade e Justiça. A Justiça acabou ficando de fora do trabalho da Comissão. Memória foi a “filha” mais famosa. A memória difere da História, pois se propõe a ser múltipla, multifacetada e (até certo ponto) pessoal. Ela, em muitos aspectos, também leva em conta o que nos afeta e abandona qualquer pretensão de neutralidade.

A *Memória LGBT* seria, então, uma forma de tornar vivos aqueles e aquelas que foram mortos pelo silêncio e o descaso com suas existências. E com o extermínio direto de seus corpos e práticas de ser. Trazer *Memória*, não limpinha, não domesticada, é parte da recusa em heteronormativizar nossas vidas e mortes. Se a sociedade e o Estado não assumem as contas dos nossos mortos e dos nossos sofrimentos, se não há reparação, não há paz possível.

“*A mão que afaga é a mesma que apedreja. (...) Escarra na boca que te beija*”, disse Augusto dos Anjos. A *Memória* indócil e insone é uma das resistências que nos restam.

---

<sup>1</sup> Maria é membro do Acervo Bajubá, cientista social formada pela UFRJ, mestranda no Instituto de Medicina Social/UERJ, onde pesquisa identidades sexuais como identidades políticas através da inserção de mulheres bissexuais no Seminário Nacional de Lésbicas e Bissexuais. Ensaio publicado no site do Acervo Bajubá, em 19 de agosto de 2017.

<sup>2</sup> Em uma explicação não tão acadêmica, a “heteronormatividade” seria a forma da nossa sociedade de elaborar o mundo onde é verdade universal que tudo é cisgênero e tudo é heterossexual. As crianças nascem, seu gênero é definido e é também contado para elas apenas que elas devem se interessar pelo “sexo oposto”. Desde a creche, qualquer demonstração de afeto entre (quase bebês) meninos e meninas é explicada através de narrativas de namoro e desejo, não restando nem espaço para serem construídos nem a amizade inter-sexual e nem o afeto e o desejo intra-sexuais.

## **PESCANDO PÉROLAS**

“O Brasil é o único país onde o Dia da Visibilidade Lésbica vem de uma data de alegria, não de massacre”, foi mais ou menos a frase que ouvi em uma das minhas primeiras idas a campo no mestrado. Era uma roda de conversa da Coletiva Sapa Roxa sobre História do Movimento de Lésbicas do Brasil. Acabou sendo principalmente sobre o Rio de Janeiro e eu, no lugar mais de antropóloga do que de ativista, preenchi páginas e páginas do caderno de campo com anotações. Infelizmente, dessas coisas que acontecem com pesquisadoras (e pesquisadores) inexperientes, eu descobri que meu celular não prestava como gravador no final da atividade, ao constatar que ele não havia gravado nada. Dessa forma, fico com o relato de memória e das anotações meio inconsistentes do meu caderno. Acho, de certa forma, simbólico que tenha sido assim. Falar de memória de mulheres lésbicas, sapatonas, bissexuais, bofinhas, entendidas, homossexuais, masculinas, unicórnias<sup>3</sup>, é como a pesca arcaica de pérolas. Mergulhar em águas geladas, desnuda, segurando meu fôlego, para tentar encontrar preciosidades no meio das ostras.

A “data de alegria” mencionada é 29 de agosto de 1996, o início do I Seminário Nacional de Lésbicas (Senale)<sup>4</sup>. No entanto, dez dias e treze anos antes, em São Paulo, o mês de agosto ganhava importância para a (atualmente chamada) comunidade LGBT brasileira.

## **O “STONEWALL BRASILEIRO”...**

O Brasil durante a ditadura militar vivia uma realidade de repressão tão ou mais violenta aos que hoje nos chamamos como LGBTs quanto os EUA<sup>5</sup>. Em 1983, em plena redemocratização, as coisas não pareciam tão mais democráticas para os viados e sapatões. Na

---

<sup>3</sup> Eu poderia continuar quase que infinitamente listando os nomes que as mulheres que não são heterossexuais dão para si mesmas e aqueles que já usamos, mas hoje não são mais encontrados.

<sup>4</sup> Que mudou seu nome para Seminário Nacional de Lésbicas e Bissexuais (Senalesbi) em 2014, no VIII Seminário, mas isso é outra parte da história. O Senalesbi se define em seu site como “O Seminário Nacional de Lésbicas, conhecido como SENALE, é um espaço de interação político pedagógico nacional construído por Lésbicas e mulheres Bissexuais no Brasil, com a finalidade de discutir, refletir e propor ações para intervir nas políticas públicas, através da construção coletiva, na busca por direitos e dignidade, pela livre expressão das sexualidades e pela diversidade de orientação sexual e identidade de gênero.”

<sup>5</sup> Mais sobre isso aqui:

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/redemocratizacao-incompleta-perpetua-desigualdades-no-brasil-diz-relatorio-573.html/ditadura-e-homossexualidade.pdf-8573.html>

cidade de São Paulo, um dos lugares mais frequentados pelas sapas era o Ferro's Bar. Descrito como uma espelunca (outra similaridade com Stonewall<sup>6</sup>), onde vendia-se de tudo<sup>7</sup>, inclusive o periódico do Grupo de Ação Lésbica Feminista (GALF), o Chanacomchana. No entanto, o dono do bar e seus funcionários, que ganhavam dinheiro com a clientela lésbica, reclamavam constantemente da comercialização da revista. A tensão entre as frequentadoras e o bar chegou ao ponto de, em agosto, a polícia ser chamada para retirá-las do local e proibi-las de voltar. Revoltadas com a ação agressiva e a discriminação do bar, o GALF e outras redes e coletivos próximos convocaram uma manifestação para o dia 19 de agosto, quando as lésbicas e aliados/as se reuniram em frente ao bar e forçaram sua entrada, lendo seu manifesto dentro dele.

---

<sup>6</sup> Internacionalmente, o Dia do Orgulho LGBT é celebrado em 28 de junho, em memória do “levante de Stonewall”. Em 1969, Nova York, havia intensa perseguição às pessoas que não se encaixassem na heteronormatividade. O “homossexualismo” era um distúrbio mental e um crime na maioria dos estados dos EUA; uma lei no estado de Nova York proibia que se usasse roupas que não fossem “do seu sexo”; a polícia fazia batidas regulares nos bares para prender as bichas e os sapatões que estivessem propagando a imoralidade e atentando contra à moral e os bons costumes. O bar Stonewall Inn era um lugar barato e frequentado em massa por todo tipo de gente que caía fora da heteronorma. Sapatonas caminhoneiras, bichas fechativas, drags, pessoas trans, prostitutas, pessoas negras, latinas... A escória da escória da cidade. Em uma madrugada de verão, com o bar bastante cheio, a polícia nova-iorquina realizou mais uma batida de rotina para pegar seu arrego por deixar o “bar das bichas” funcionando e aproveitou para prender várias das “aberrações” que estavam lá#. Só que, daquela vez, as “aberrações” reagiram. As drags, trans e sapatonas foram o início da resistência, cujo combate campal nas ruas do Village durou seis dias.

<sup>7</sup> De acordo com a entrevista dada por Miriam Martinho ao site Homomento, em 2009, <https://homomento.wordpress.com/2009/08/19/19-agosto-orgulho-lesbic/>



Registro da manifestação produzido pela Folha de São Paulo

## A FÊNIX

Neste agosto, o Acervo Bajubá ressurge das cinzas como uma fênix purpurinada com as cores do arco-íris. E volta trazendo a edição número quatro do Chanacomchana, que descreve a quente a ação que elas organizaram e protagonizaram no 19 de agosto de 1983. A edição conta ainda com poesias; charge; um manifesto defendendo a autonomia do movimento de lésbicas; anúncio convidando as mulheres a divulgar seus times de futebol amador feminino; depoimentos pessoais; convite para mães lésbicas se fazerem visíveis; entrevista com o diretor de teatro Tom Santos; convocação para debates sobre saúde das mulheres lésbicas, em conjunto com a Associação Paulista de Medicina...

Merecem lugar de destaque nessa lista a divulgação tanto do grupo Adé-Dudu (coletivo de homossexuais negros da Bahia) quanto de um texto explicando a aids produzido por membros do grupo Outra Coisa e convocando as lésbicas a ajudarem no financiamento do dito texto. Essas pequenas notas e a descrição da presença de “bichas maravilhosas” com “paletós de couro” no ato do Ferro’s Bar são pequenos exemplos da solidariedade mútua entre os diferentes grupos de

lésbicas e “gueis” que existiam na época. Relações essas marcadas por conflitos, disputas, mas também afetos e aproximações que, de diferentes formas, perduram até hoje.

Acompanhem nossa página do Facebook e nosso site, porque semanalmente iremos publicizando nosso acervo (incluindo outras edições do Chanacomchana!) e trazendo ocasionalmente textos que dialogam com o material e informam sobre eles.